

MARGARIDA SOBRAL NETO

TOCHA

UMA HISTÓRIA COM FUTURO



Palimage
Imagem Palavra



Margarida Sobral Neto nasceu em Sernancelhe. Fez os estudos secundários em Lamego, no Liceu Latino Coelho. Licenciou-se em História e doutorou-se em História Moderna e Contemporânea na Faculdade

de Letras da Universidade de Coimbra.

É professora associada com agregação da mesma Faculdade. É membro Correspondente da Academia Portuguesa da História. Integra o Centro de História da Sociedade e da Cultura. Coordena o Centro de Estudos de História Local e Regional Salvador Dias Arnaut (CEHLR) em Penela. É consultora da Rede *Proprietas*; membro da *Société d' Études Rurales*; da REPORT(H)A e sócia fundadora da *Associação de História Económica e Social*.

Tem lecionado cadeiras de licenciatura, mestrado e doutoramento. Coordenou o mestrado em História e colabora na coordenação do mestrado em Política Cultural Autárquica. É diretora da *Revista Portuguesa de História* e coordena a coleção Raiz do Tempo da editora Palimage.

Entre as suas publicações destacam-se os livros: *Terra e Conflito. Região de Coimbra (1700-1834)*, Coimbra: Palimage, 2ª edição, 2018 (em eBook) *Tocha. Uma História com futuro*, Coimbra: Palimage 2013; *Informações Paroquiais e História Local. A diocese de Coimbra*, Coimbra: Palimage, 2013 (em coautoria); *D. Isabel de Portugal. Imperatriz Perfeitíssima (1503-1539)*, Lisboa: QUIDNOVI, 2011; *O Universo da Comunidade Rural (Época Moderna)*, Coimbra: Palimage/CHSC, 2010 (Prémio Laranjo Coelho da Academia Portuguesa da História); *As Comunicações na Idade Moderna* (Coord.), Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2005; *Terra e Conflito. Região de Coimbra (1700-1834)*, Viseu: Palimage, 1997; os capítulos de livros: “Conflict and decline, 1620-1703”. In FREIRE, Dulce; LAINS, Pedro (dir.), *An agrarian history of Portugal. Economic development on the european frontier*. Leiden/Boston : BRILL. 2017, pp. 101-131; “Propriedade e usos comunitários e sustentabilidade das economias camponesas (Olhares historiográficos)” em Inês Amorim e Stefania Barca (org.), *Atas do I Encontro Internacional de História Ambiental Lusófona*, col. Cescontexto, n.º 1, março, 2013, pp. 134-144; “A crise da agricultura portuguesa no século XVII”. In Álvaro Garrido, Leonor Costa Freire e Luís Miguel Duarte (dir), *Economia, Instituições e Império* (estudos em Homenagem a Joaquim Romero Magalhães. Coimbra: Almedina, 2012, p. 263-

277; “Os correios na Idade Moderna”. In *As Comunicações na Idade Moderna*. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações, 2005. pp. 9-74. “Biens et usages communaux au Portugal (1750-1950)”. In DEMÉLAS, Marie-Danielle; VIVIER, Nadine (dir.) – *Les propriétés collectives face aux attaques libérales (1750-1914): Europe occidentale et Amérique latine*. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2003, pp. 175-194; « La contestation anti-seigneuriale au Portugal à l'époque moderne ». In G. Brunel et S. Brunet (ed.), *Les luttes anti-seigneuriales dans l'Europe médiévale et moderne*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2009, pp.149-166; “O papel da mulher na sociedade portuguesa seiscentista. Contributo para o seu estudo”. In FURTADO, Júnia (org.) – *Diálogos Oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma História do Império Ultramarino Português*, Belo Horizonte: UFMG, 2001, pp. 25-44 e os artigos em Revistas: “La difusión del cultivo de la patata en Portugal, siglos XV-XIX”, in *Obradoiro de Historia Moderna*, N.º 27 (2018), pp.113-138; – Historiografia portuguesa da época moderna. In *Revista Teoria da História*, Vol. 17, n.º1 (2017), pp. 124-146; ISSN: 2175-5892. “O foral manuelino de Viseu: ‘por lei e privilégio’. A força do poder local em tempos ditos de centralização”, *Revista Beira Alta* (Número especial comemorativo dos quinhentos anos da outorga do foral manuelino a Viseu), 2013, pp. 19-66; “Conflicts entre entités seigneuriales et municipalités à propos des communaux”, *Revue du Nord*, 18, 2013, pp. 179-182; “O Foral Manuelino de Porto de Mós”, *Revista do Centro de História da Sociedade e da Cultura*, vol. 6 (2006), pp. 155-176; “O sistema de comunicações na idade moderna e o processo de construção do “Estado moderno”. *Códice*. Lisboa: Fundação Portuguesa das Comunicações. N.º 2, ano VIII, série II (2005), pp. 34-45; “Relações de poder entre uma casa senhorial e uma comunidade rural na época Moderna: a resistência dos moradores de Arcozelo ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra”. *Revista Portuguesa de História*, 36, vol. 2 (2002-2003), pp. 297-317; “Motins Populares na Gândara em 1778”. In *Maria da Fonte – 150 anos: 1846/1996, Actas do congresso*. Póvoa do Lanhoso: Câmara Municipal, 1996, pp. 185-194; “Introdução e expansão da cultura da batata na região de Coimbra (sécs. XVII–XIX)”. *Revista Portuguesa de História*, 29, (1994), pp. 55-83; “A população de Mira e a desamortização dos baldios na segunda metade do séc. XIX”. *Revista Portuguesa de História*, 19, (1981), pp. 15-58.

Tocha

Uma História com Futuro

Coimbra • 2013

Título: *Tocha – História com Futuro*

Autora: Margarida Sobral Neto

Capa: Palimage

Fotografias: acervos da autora e da Junta de Freguesia da Tocha

Mapas: Alexandre Pinto

© 2013 Margarida Sobral Neto

Direitos reservados por Terra Ocre, Lda.

Edição: Palimage

Apartado 10032

3031-601 Coimbra

palimage@palimage.pt

www.palimage.pt

Data de edição: setembro de 2013

ISBN: 978-989-703-065-9

Depósito Legal n.º 363967/13

ISBN da edição digital: 978-989-703-228-8

PALIMAGE É UMA MARCA EDITORIAL DA TERRA OCRE EDIÇÕES



Margarida Sobral Neto

Tocha

Uma História com Futuro

Este livro é dedicado aos homens e às mulheres da Tocha e ao seu testemunho de tenacidade na construção de um tempo que foi passado, é presente e será futuro.

Nota de Abertura

Tocha – um presente com história

Tínhamos tudo mas faltava-nos o principal: saber donde viemos para saber para onde iremos. Não viemos do nada, mas sim de gente determinada e lutadora que sempre sonhou ter algo mais.

Foi assim até hoje e assim será no futuro. Tochense uma vez, Tochense para sempre.

Os nossos direitos são os nossos direitos e não admitimos sequer discuti-los. São nossos.

Nestes anos (29) que estivemos sempre juntos, tivemos a felicidade e o privilégio de mantermos a chama da Tocha acesa, e com que luz? Com a luz de todos aqueles que sempre estiveram connosco, particularmente o povo que respondeu a todas as chamadas, e que nos deu força e alma para diariamente a chama ser cada vez mais forte.

Tempos de dificuldades, de alegria, de felicidade, de ternura e de muito orgulho: orgulho de ser Tochense.

O futuro não se adivinha mas constrói-se, e o nosso será sempre brilhante, porque a Tocha nasceu abençoada pela Senhora e premiada por um povo valente e muito carinhoso.

E ao longo deste tempo, foi árduo o trabalho, quantas vezes a custo de angústias, mas logo vencidas pela força de construir algo de válido, para usufruir hoje por nós, todos, e para a vida dos nossos, das novas gerações.

Permita-se-nos, sem vaidade, mas com a sensação única do dever cumprido, elencar algumas das obras em que colocámos toda a alma:

A Requalificação da Rede Viária; Duplicação de estrada da Praia da Tocha; a Implantação da Zona Industrial (100 hectares); a Requalificação da Praia da Tocha; o Arranjo Urbanístico do Largo da Tocha e respetiva

iluminação; o Aumento da Iluminação na Freguesia da Tocha; a Construção do Mercado e a Edificação da Sede da Junta de Freguesia, assim como as obras de estruturação dos Cemitérios de Cochadas e Caniceira; as ofertas dos terrenos para a Construção do Quartel da GNR, e da Extensão de Saúde; a Construção da Casa Mortuária, do Quartel dos Bombeiros; a Edificação do Armazém da Junta.

Também a Criação da Equipa dos Sapadores Florestais e a Criação do Jardim-de-infância; a Requalificação dos Edifícios Escolares; a Construção da Escola C+S e do Pavilhão Gimnodesportivo; a Conclusão da Rede de Água nas Cochadas e Catarinões, assim como a Rede de Saneamento completa na Freguesia (98%).

E na passagem do século, foi muito simbólica a iniciativa de solicitarmos a um grupo de treze pintores que, coordenados pelo pintor Mário Silva, criou um calendário do ano de 1999, representando cada um deles um mês desse ano. Estes quadros continuam em exposição permanente no Salão Nobre da Junta de Freguesia da Tocha celebrando o fim do século XX.

Uma das Construções mais nos enche de júbilo: O Complexo Desportivo da Tocha classificado como um dos melhor dimensionados e equipados parques desportivos da Região Centro. É constituído por um campo em relva natural de dimensões oficiais para a realização de competições internacionais, com uma bancada central com capacidade para 1.000 espectadores, e um campo secundário em relva artificial, também com dimensões oficiais para a realização de competições internacionais em futebol, râguebi e outros desportos. Dispõe ainda de iluminação artificial e de instalações de apoio de grande qualidade, designadamente balneários e vestiários com tipologias diferenciadas, gabinetes técnicos, posto médico, bem como sala de massagens e fisioterapia.

Por fim, mas não menos importante, a nossa discreta participação na Requalificação do Hospital Rovisco Pais como Centro de Medicina de Reabilitação, sendo o grande obreiro desta iniciativa o Dr. José Tereso.

Sem dúvida que a Tocha teve um passado que foi a nossa semente. Aquela que conseguimos, com amor e trabalho, que desse bons frutos.

Naturalmente que todas as realizações alcançadas não são obra de uma pessoa, nem de uma só equipa. Por isso são legítimos, necessários, obrigatórios até, alguns sentidos e profundos agradecimentos. Desde logo a todos os Colegas, membros da Junta da Freguesia da Tocha e da Assembleia de Freguesia, que connosco trabalharam e sempre se

empenharam no desenvolvimento da nossa terra. A todos os funcionários da mesma Junta que sempre deram o seu incondicional esforço para a execução de todas as atividades. À Câmara Municipal de Cantanhede, nas pessoas do vários Presidentes, e seus executivos, ao longo dos anos. Aos diversos membros dos sucessivos Governos da Nação que ao longo do tempo e de algum modo nos ajudaram a levar por diante os projetos que nos propusemos.

A todos, sem nenhuma reserva, aqui deixamos a nossa eterna gratidão.

Júlio de Oliveira

Presidente da Junta de Freguesia

Prefácio

Gândara – a singularidade de um território

Na gândara há aldeolas ermas, esquecidas entre pinhais, no fim do mundo. Nelas vivem homens semeando e colhendo, quando o estio poupa as espigas e o inverno não desaba em chuva e lama. Porque então são ramagens torcidas, barrancos, solidão, naquelas terras pobres (Carlos de Oliveira)

Domínio de extensos areais, de incultos, de matos e baldios, a *Gândara* (terra areenta) manteve-se praticamente despovoada até ao final da Idade Média. A “revolução do milho” introduziu modificações nos ritmos demográficos, provocando um aumento generalizado da população portuguesa. A pressão demográfica promove uma intensa mobilidade de homens e mulheres, que do *Norte* procuram no *Sul* novos horizontes de trabalho. Nesta caminhada, a *Gândara* torna-se um lugar de paragem. Em cerca de duzentos anos passou de 7 para 100 habitantes por km². Um deserto, quase todo baldio, foi, progressivamente, conquistado por pequenos lugares disseminados pelo espaço e que durante muito tempo constituíram o essencial do povoamento da *Gândara*. “Gente numa grande solidão de areia”. Vivendo em casas construídas com adobos “que duram sensivelmente o que dura uma vida humana. Pinhais que os camponeses plantam na infância para derrubar pouco antes de morrer”.

Mas a *Gândara* é também um território marcado por ciclos. Da *terra* e dos *homens*. O milho marcou-lhe o ritmo e, com o pinheiro, moldou-lhe a cor. Os Homens chegaram, fixaram-se, transformaram-na e partiram.

Transportaram-na definitivamente para o Brasil, Estados Unidos ou Venezuela. Levam-na, por uma ou duas gerações para França, Suíça ou Alemanha. Acompanha os que, sazonalmente, vão para o Alentejo, ou para as terras do Sado ou valados do Mondego. Percorre o país com os *ourives* e marca os que ficaram. Para estes, a agricultura foi, durante muitos anos, a atividade principal e que teve, na mulher gandraesa, a cumplicidade que a não deixou morrer.

Nas feiras, a Gândara encontra-se, retrata-se e descobre-se. Ontem como hoje.

No início do século XXI tem outras dinâmicas e outros horizontes – de vida e de trabalho –, mas a Gândara continua um território marcado pela singularidade, geográfica e cultural, que a molda com uma identidade própria num mundo sem fronteiras.

Fernanda Delgado Cravidão

Introdução

*“Tem a realidade o fascínio de um tesouro escondido?
Creio bem que sim”.*

*“Nas relações sujeito-objeto, o sujeito faz parte da
realidade e sem ele (que sente as coisas) nada teria sentido”.*
(Carlos de Oliveira)

Convido o leitor a fazer uma viagem pela História da vila da Tocha, localidade situada na Beira Litoral, na sub-região da Gândara.

O topónimo Tocha deriva da palavra espanhola Atocha, uma das invocações de Nossa Senhora. Referido ao lugar que hoje constitui a sede da freguesia, aparece em documentos que remontam à década de sessenta do século XVII, coincidindo com a construção da capela – hoje igreja matriz – de Nossa Senhora da Tocha. A imagem da Senhora chegara, entretanto, muito mais cedo, nas primeiras décadas da centúria de seiscentos, trazida por João Garcia Bacelar – galego de ascendência portuguesa. Estamos assim em presença de uma povoação que se organizou em torno de um culto mariano introduzido por um leigo, num espaço designado ao tempo como Gândara da Fonte Quente que se integrava no *isento* de S. João da Quintã, área de jurisdição eclesiástica exclusiva do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

A história da freguesia da Tocha foi estruturada em três partes correspondentes a três ciclos de vida desta comunidade: o primeiro reporta-se à formação e organização deste agregado populacional no período de domínio (quase absoluto) do território pelo mosteiro de Santa Cruz de Coimbra; o segundo inicia-se na época liberal – tempo da formação da freguesia enquanto entidade administrativa e da sua integração no concelho de Cantanhede; o terceiro começa na década de setenta do século passado, sendo marcado por um impulso de desenvolvimento que conferiu, e consolidou, à freguesia da Tocha o estatuto de Vila.

Cada uma das partes deste livro subdivide-se em capítulos.

O primeiro reporta-se à Idade Média, época de formação do contexto institucional que enquadrava a vida dos homens que viveram na Gândara da Tocha até à época liberal.

O segundo é dedicado à introdução e consolidação do culto de Nossa Senhora da Tocha, período em que se confere protagonismo ao

introdutor do culto – João Garcia Bacelar – e à sua esposa – Maria da Silveira Cardosa – mulher que se notabilizou pelo facto de ter enfrentado o poderoso mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

No terceiro, construído, em boa parte, a partir de informação proveniente de cadastros de propriedade (tombos) elaborados nas primeiras décadas dos séculos XVII e XVIII, apresenta-se a formação e consolidação do território, tanto ao nível das suas “fronteiras”, como da sua organização interna. Este processo ocorreu, em simultâneo, com a introdução e crescimento da exploração agropecuária na Gândara da Tocha, no qual assumiram protagonismo duas plantas vindas da América do Sul – o milho e a batata –, temática abordada no quarto capítulo. As potencialidades de aproveitamento dos recursos deste espaço são bem visíveis na exploração agrícola da quinta da Fonte Quente (um “microcosmos gandarês”) revelada em inventários elaborados nos séculos XVIII e XIX.

Conhecido o território e as circunstâncias do seu povoamento, analisa-se, no quinto capítulo, a dinâmica de crescimento demográfico, estudo realizado com base nos registos de batismo e de óbito. Por sua vez, informação datada de 1812 referente aos quantitativos populacionais existentes em cada um dos lugares pertencentes à comunidade da Tocha (ao tempo designada freguesia de S. João da Quintã) permitiu desenhar a cartografia do povoamento nos inícios do século XIX.

Ao longo de todo o livro, perscrutamos na documentação disponível ecos das vivências dos habitantes da Tocha. Fontes de natureza judicial, produzidas num contexto “de contestação antissenhorial ativa”, permitem, entretanto, captar o pulsar de uma comunidade em luta contra um conjunto de poderes que convergiam no sentido de a forçar ao pagamento de excessivos tributos senhoriais. Com este objetivo, analisam-se, no sexto capítulo, com algum detalhe, os conflitos travados entre o mosteiro de Santa Cruz e os moradores da Tocha decorrentes da recusa de pagamento da excessiva e injusta tributação senhorial.

A revolução liberal de 1820 inaugurou um novo ciclo na História de Portugal marcado pela efetiva construção de um Estado centralizado que se traduziu, entre outros aspetos, na reorganização administrativa do país e na promoção do seu desenvolvimento económico.

Na segunda parte do livro desenha-se o novo contexto institucional que configurou a vida da comunidade neste período. A análise incide na interação entre a freguesia da Tocha e os novos poderes, entre os quais se destacam: as governanças locais – juntas de paróquia/freguesia e o

município de Cantanhede; o poder intermédio – o governo civil – e o poder central.

No sentido de cumprir os objetivos atrás anunciados, analisa-se, no primeiro capítulo, o impacto da reorganização administrativa liberal na freguesia da Tocha, nomeadamente o processo da sua integração no concelho de Cantanhede.

A documentação referente ao tempo do *isento* de S. João da Quintã (freguesia da Tocha) revela-nos várias expressões de autogoverno da comunidade. Os poderes “autárquicos” formais só se viriam, entretanto, a implantar ao longo do século XIX. Neste sentido, no segundo capítulo, dão-se a conhecer alguns protagonistas da governação da Tocha bem como as políticas de promoção do desenvolvimento local, nomeadamente nos campos da instrução e das vias de comunicação.

No capítulo terceiro desta segunda parte analisa-se um ciclo demográfico de longa duração (desde o liberalismo até aos tempos da revolução de abril) revelador das tendências da evolução da população de uma terra marcada pela diáspora para vários países.

No quarto capítulo inicia-se o estudo da história da vila da Tocha no século XX referindo-se o impacto da primeira República, nomeadamente no que concerne às vivências cívicas e às políticas que marcaram o republicanismo, em particular em matéria de instrução.

O quinto capítulo é dedicado à apresentação de alguns acontecimentos marcantes ocorridos durante o Estado Novo.

Uma das medidas de pretensão fomento económico dinamizadas por este regime concretizou-se na tentativa de aproveitamento dos baldios para práticas agrícolas e florestais, missão confiada à Junta de Colonização Interna. A aplicação destas políticas repercutiu-se, de forma negativa, na freguesia da Tocha, nomeadamente no lugar da Caniceira, dando origem a atitudes de protesto contra as tentativas de apropriação pelo Estado de um património de logradouro comum da comunidade.

O governo de Oliveira Salazar fica ainda assinalado nesta freguesia pela instalação do Hospital Rovisco Pais dedicado à erradicação da doença de Hansen. No sexto capítulo, foca-se o impacto desta instituição na dinamização da economia local.

A década de setenta, em particular a Revolução do 25 de abril, trouxe um tempo novo ao país e às autarquias locais que recuperaram poderes de decisão, sendo ainda investidas de alguns instrumentos legais e financeiros potenciadores de desenvolvimento.

Este período imprimiu a sua marca na economia local através de mudanças no setor agropecuário, decorrentes da produção leiteira, e da dinamização da feira de Domingo, bem como da implantação de unidades industriais e de serviços, assuntos abordados na terceira parte do livro.

Finalmente desenha-se um conjunto de marcas paisagísticas, patrimoniais e culturais identitárias da freguesia da Tocha.

Ao longo das páginas que se seguem procura-se apresentar algumas das principais facetas da história de vida desta comunidade. Os resultados obtidos foram, no entanto, condicionados, entre outros factores, pela documentação disponível.

Para a elaboração deste estudo utilizaram-se fontes produzidas pelas duas principais entidades que tutelaram a freguesia da Tocha condicionando fortemente a sua história: as fontes que integram o núcleo documental do mosteiro de Santa Cruz – existentes no Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC) e no Arquivo Nacional da Torre Tombo (IAN/TT) – forneceram a informação fundamental para o estudo do período que decorre até 1834; entre elas destacam-se cadastros de propriedade (tombos), livros notariais, documentação judicial e vária documentação avulsa.

Para o tempo que decorre entre o liberalismo e a atualidade, foi consultada a documentação do governo civil de Coimbra bem como fontes produzidas pelo município de Cantanhede.

Este trabalho fundamenta-se, ainda, em documentação notarial referente ao extinto concelho de Cadima e ao concelho de Cantanhede.

Por sua vez, os registos paroquiais, disponíveis no arquivo distrital de Coimbra, permitiram o estudo da evolução da população revelando ainda ecos das vivências dos homens e das mulheres que, ao longo do tempo, habitaram na Gândara da Tocha.

Para os tempos mais recentes contámos com os testemunhos orais prestados pelo senhor Júlio de Oliveira (atual presidente da Junta de Freguesia da Tocha) e pelo senhor Dr. Francisco Santos Silva (presidente da Junta de Freguesia entre 1967 e 1974).

Em relação à bibliografia que suporta este estudo, destaca-se a obra de Fernanda Delgado Cravidão intitulada *População e Povoamento da Gândara* na qual colhemos informação de contextualização bem como dados de natureza estatística utilizados neste trabalho e o livro de minha autoria intitulado *Terra e Conflito. Região de Coimbra (1700-1834)*.

Foi feita ainda uma leitura atenta das publicações referentes à história da região da Gândara e da freguesia da Tocha.

A história local só se compreende se a enquadrarmos no contexto mais vasto da história regional e nacional. Neste sentido, procurámos inserir a história desta comunidade num contexto mais vasto. Ainda que não estejam expressas as comparações entre a história da Tocha e a de outras localidades do país, elas estão implícitas na organização dos temas e sobretudo num esforço de concatenação da informação e de inteligibilidade da realidade histórica em análise. Com este objetivo, utilizámos os conhecimentos provenientes de uma vasta bibliografia local, sobretudo a produzida nas últimas décadas no âmbito de estudos académicos.

Trabalho solitário que é sempre o do historiador, este contou, no entanto, com ajudas preciosas das quais destaco: a Doutora Fernanda Cravidão que nos honra com um prefácio da sua autoria; o Doutor Rui Cascão – profundo conhecedor da história do concelho de Cantanhede (bem como do seu território) – a quem agradecemos informações preciosas; o Doutor Fernando Taveira que teve a amabilidade de elaborar os gráficos de população; a Dra. Ana Isabel Sampaio Ribeiro que construiu as árvores genealógicas; o Dr. Alexandre Pinto autor da cartografia histórica. Deixamos ainda o nosso agradecimento aos alunos que prestaram colaborações pontuais, nomeadamente Ana Seco, Roger Lee, Bruno Costa e Diogo Marques.

A Lara Bacelar prestamos o reconhecimento pela cedência de informações de cariz genealógico.

Por fim, expressamos o nosso profundo reconhecimento ao senhor Presidente da Junta de Freguesia, Júlio de Oliveira, pelo estímulo e apoio na realização deste livro.

I PARTE

A Construção de um Território.

A Organização de uma Comunidade

“O melhor é voltar atrás, ao começo de tudo. Há mil anos (ou mais), alguém repara atentamente numa garrafa cheia de água e descobre a primeira objetiva. Lá está a imagem da realidade, quando os raios solares passam através da água”.
(Carlos de Oliveira, *Finisterra*)

Índice

Nota de abertura: Tocha – um presente com história	9
Prefácio: Gândara – a singularidade de um território	13
Introdução	15

I PARTE

A Construção de um Território. A Organização de uma Comunidade

1. Nos inícios: os poderes antes dos homens.....	25
1.1. O senhorio do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.....	26
1.2. A freguesia/ <i>isento</i> de S. João da Quintã.....	26
1.3. O couto de Cadima.....	28
1.4. A integração de Cadima no senhorio da universidade de Coimbra.....	31
1.5. No termo do concelho de Montemor-o-Velho.....	32
1.6. A instalação da quinta da Fonte Quente.....	33
1.7. A igreja matriz de S. João da Quintã.....	34
2. Na origem da comunidade: o culto de Nossa Senhora da Tocha.....	36
2.1. O introdutor do culto: João Garcia Bacelar.....	36
2.2. A família.....	38
2.3. O património: a quinta da Telhadela.....	41
2.4. O pagamento da promessa.....	43
2.5. O conflito entre Maria da Silveira e o mosteiro de Santa Cruz.....	46
2.6. A construção da igreja de Nossa Senhora da Tocha.....	55
2.7. A deslocação da imagem para o novo templo.....	58
2.8. A celebração de atos litúrgicos na capela da Tocha.....	59
2.9. A consolidação do culto.....	60

3. A organização do território da freguesia de S. João da Quintã.....	62
3.1. A primeira definição de fronteiras (século XVI).....	62
3.2. A configuração nos inícios do século XVII.....	64
3.3. A Gândara da Tocha nos inícios do século XVIII.....	66
3.3.1. O arraial da Senhora da Tocha: o culto e a feira.....	66
3.3.2. Delimitação da freguesia de S. João da Quintã em 1723.....	69
3.3.3. A demarcação entre a freguesia de S. João da Quintã e o concelho de Mira.....	71
4. A “criação vagarosa da terra” e a arquitetura das paisagens.....	74
4.1. Um amplo espaço de pastagem.....	75
4.2. Usos da floresta: o fabrico de carvão.....	78
4.3. As plantas vindas da América: o milho grosso e a batata.....	79
4.3.1. O milho grosso (<i>zea mays</i>) ou zaburro.....	79
4.3.2. A batata.....	82
4.4. Uma exploração agrícola: a quinta da Fonte Quente.....	84
Núcleo edificado.....	85
Recheio da quinta.....	85
Zona de exploração agrícola, matos e pinhais.....	88
5. Num tempo longo de crescimento demográfico: séculos XVII-XIX.....	89
5.1. A intensificação da ocupação do solo.....	92
5.2. A organização do povoamento nos inícios do século XIX.....	94
6. Uma comunidade em luta contra a tributação senhorial.....	96
6.1. As questões de propriedade.....	96
6.2. Os motins de 27 de agosto e 6 de outubro de 1778.....	99
6.3. As vias judiciais.....	107
6.4. A reação senhorial.....	109
6.5. A libertação da tutela do mosteiro de Santa Cruz.....	111
6.6. A privatização da quinta da Fonte Quente e do celeiro da Tocha.....	113

II PARTE

Os séculos XIX e XX

um tempo novo para a freguesia da Tocha

1. Sob a tutela do Estado: a reorganização administrativa liberal.....	117
--	-----

1.1. Cadima: da exaltação revolucionária à extinção do concelho	118
1.2. A extinção do <i>isento</i> de S. João da Quintã: a “criação” da freguesia da Tocha	121
1.3. A integração da freguesia da Tocha no concelho de Cantanhede	123
1.4. A povoação dos Palheiros da Tocha	125
1.4.1. A pesca. As companhas	126
2. A governação da freguesia no século XIX	130
2.1. Um orçamento escasso	132
2.2. O fomento da instrução primária	133
2.3. O problema das vias de comunicação	134
3. A dinâmica da população (sécs. XIX e XX)	135
4. Da euforia cívica da primeira República aos tempos do Estado Novo	141
5. A atuação da Junta de Colonização Interna: a questão dos baldios da Caniceira	144
5.1. O pinhal da Caniceira	146
6. A instalação do Hospital Rovisco Pais	147
6.1. Impactos económicos e sociais	149

III PARTE

A partir da década de 80 do século XX: um futuro em construção

1. Um ciclo de desenvolvimento	153
1.1. A dinamização da vida económica	153
<i>Mudanças no setor agropecuário</i>	153
<i>Dinamização do comércio local: a feira da Tocha</i>	156
<i>A requalificação dos espaços urbanos</i>	156
<i>A criação de infraestruturas</i>	157
<i>Saúde e proteção social</i>	158
<i>Segurança e proteção civil</i>	159
<i>Cultura e cidadania</i>	159
<i>A construção da memória</i>	160

IV PARTE

Marcas de identidade. Património. Lugares de memória. Tradição. Modernidade

1. A arquitetura das paisagens.....	165
2. A casa Gandaresa da Tocha.....	167
3. Palheiros e arte xávega.....	168
4. O conventinho.....	169
5. A igreja de Nossa Senhora da Tocha.....	170
6. O arraial de Nossa Senhora da Tocha.....	171
7. Entre tradição e inovação.....	172
Imagens.....	175
Conclusão.....	177
Apêndice Documental.....	185
Fontes e Bibliografia.....	207
Notas.....	219